




2009

A "História da Educação" e o Ensino Pós-Secundário nos Estados Unidos (1840-1910) [The "History of Education" and Post-Secondary Education in the United States (1840-1910)]

Karl M. Lorenz
Sacred Heart University

Follow this and additional works at: http://digitalcommons.sacredheart.edu/ced_fac

 Part of the [International and Comparative Education Commons](#), [Social and Philosophical Foundations of Education Commons](#), and the [Teacher Education and Professional Development Commons](#)

Recommended Citation

Lorenz, K. A História da Educação e o ensino pós-secundário nos Estados Unidos (1840-1910) [The History of Education and post-secondary education in the United States (1840-1910)]. In: Gatti Júnior, D.; Monarcha, C.; Bastos, M. H. C. [Orgs.] *O ensino de Historia da Educação em perspectiva internacional*. Uberlândia, Brasil: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009, p. 131-156.

This Book Chapter is brought to you for free and open access by the Isabelle Farrington College Of Education at DigitalCommons@SHU. It has been accepted for inclusion in Education Faculty Publications by an authorized administrator of DigitalCommons@SHU. For more information, please contact ferribyp@sacredheart.edu.

A História da Educação e o Ensino Pós-Secundário nos Estados Unidos, 1840 - 1910

*Karl Lorenz*¹

Os cursos de licenciatura nos Estados Unidos são inúmeros e diversos. Apesar dessa diversidade, desde o século XIX certas matérias continuam a compor o currículo dos cursos: História da Educação, Filosofia e Teoria da Educação, Psicologia Educacional e Prática de Ensino. Essas têm originado uma variedade de outras disciplinas relacionadas à teoria e aos métodos de ensino. No entanto, a matéria mais profícua, nos séculos XIX e XX, tem sido a História da Educação.

O estudo diacrônico dessa disciplina pode ser efetuado de duas maneiras: situar a história da disciplina nos cursos de formação docente em instituições de ensino superior ou relatar a natureza e a transformação dos seus conteúdos através do tempo. Este trabalho pretende discutir as duas perspectivas, traçando o desenvolvimento da disciplina e de seus conteúdos nos Estados Unidos desde 1840, data que marca o surgimento da História da Educação como disciplina profissionalizante do magistério, até 1910, data aproximada em que a interpretação dos conteúdos da disciplina assumiu uma orientação mais objetiva. As datas delimitam um período em que a História da Educação, com seus enfoques diversificados, emergiu como um dos estudos básicos na formação de professores do ensino fundamental e do ensino médio e de profissionais em nível de pós-graduação.

A História da Educação e as Escolas Normais

A História da Educação, como estudo consagrado nos Estados Unidos, tem sua origem no estabelecimento de instituições de formação de professores

¹ Doutor em Educação pelo Teachers College, Columbia University, de Nova York, Estados Unidos. Professor do Curso de Pós-Graduação em Educação no Isabelle Farrington School of Education, Sacred Heart University, Fairfield, Connecticut, Estados Unidos. Professor Visitante do PPGED, Mestrado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. Publicou, em parceria com Ariclé Vechia, "Programa de Ensino da Escola Secundária Brasileira (1850-1951)" (1998). Contato: LorenzK@sacredheart.edu

no século XIX. A expansão do ensino fundamental público na primeira metade desse século foi acompanhada pela constatação da necessidade da formação de professores qualificados. Informações provenientes de países europeus, particularmente da Prússia, convenceram os governos estaduais americanos que era possível integrar a política de escolarização universal com a de profissionalização dos professores das séries iniciais. As autoridades reconheceram que não era mais aceitável deixar o ensino das crianças em mãos de professores sem preparo adequado. Ao contrário, todos os aspectos desse nível de ensino, inclusive a atuação docente, deveriam acatar aos critérios estabelecidos pelos Estados. Houve consenso de que as habilidades dos docentes eram tão importantes quanto o domínio dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula; de que era importante desenvolver os conhecimentos e as habilidades pedagógicas consideradas indispensáveis à prática docente.

O interesse crescente na preparação dos professores resultou na criação de escolas públicas com esse objetivo. Embora a primeira escola normal² particular nos Estados Unidos para a formação de professores, The Columbian School, tenha sido fundada em 1823 pelo Reverendo Samuel Hall (1795-1877), na cidade de Concord, no Estado de Vermont, não foram criadas nas primeiras décadas do século XIX instituições públicas semelhantes. Nas décadas de 1820 e 1830, o treinamento de professores esteve sob a responsabilidade das Academias, instituições equivalentes às atuais escolas de ensino médio. Para atender os alunos interessados no magistério, algumas Academias, subvencionadas pelos Estados, começaram a incluir matérias, como Princípios do Ensino, no currículo regular. Há de se notar que a História da Educação também figurou nos currículos de algumas escolas de ensino médio. Subordinada ao estudo mais abrangente da história da civilização, a disciplina não era ofertada com fins didáticos mas, visava contribuir para desenvolvimento sociocultural do aluno (BRICKMAN, 1979, p. 57).

A primeira referência oficial ao ensino normal na rede pública nos Estados Unidos, para a formação de professores das séries iniciais e, concomitantemente, à História da Educação, como componente do currículo profissionalizante, surgiu em 1839. Naquele ano, o reverendo Calvin Ellis Stowe (1802-1886),

² Escola normal: modalidade de curso de formação de professores similar à existente no Brasil até recentemente, também denominada "escola normal" e atualmente, "curso de magistério".

professor de Grego no Dartmouth College³, em New Hampshire, e, mais tarde, professor de Literatura da Bíblia no Lane Theological Seminary, em Ohio, submeteu à legislatura do Estado de Massachusetts um plano para a criação de uma escola normal pública com essa finalidade. O relatório foi elaborado após uma viagem na qual Stowe observou a organização e o funcionamento das escolas de ensino fundamental e das escolas normais para a formação de professores na Inglaterra, Escócia, França, Prússia e em vários Estados da Alemanha.

Em seu relatório denominado *Normal Schools and Teachers' Seminaries*, Stowe propôs um programa de ensino para as escolas normais que atribuía grande ênfase à história de educação. O autor, considerando o currículo dessas escolas, argumentou que o estudo dos sistemas educacionais de civilizações antigas poderia revelar os melhores métodos de ensino a serem adotados e, ao mesmo tempo, aqueles a serem evitados. Segundo ele, candidatos ao magistério se beneficiariam do conhecimento das teorias educacionais de civilizações como a Caldéia, a Assíria, a Egípcia, a Indiana, a Persa, a Grega, a Romana e das nações europeias modernas. Stowe acreditava que os princípios que fundamentam a prática docente poderiam ser extraídos das idéias e das experiências dessas sociedades (TRAVERS, 1969).

O Estado de Massachusetts respondeu favoravelmente à sugestão de Stowe e, graças ao esforço dos reformadores Horace Mann (1795-1859) e James G. Carter (1795-1849) -- O "Pai da Escola Normal" -- estabeleceu, em julho de 1839, a primeira escola normal pública nos Estados Unidos, na cidade de Lexington, seguida em setembro do mesmo ano pela Escola Normal de Framingham (ou Westfield) e, em 1840, pela Escola Normal de Bridgewater. O curso da escola de Lexington era de dois anos de duração e em seu currículo constavam as seguintes matérias: (1) Ortografia, Leitura, Gramática, Composição e Retórica; (2) Escrita e Desenho; (3) Aritmética, Álgebra, Geometria, Contabilidade, Navegação e Agrimensura; (4) Geografia e Cronologia, Estatística e História Geral; (5) Fisiologia; (6) Filosofia Mental; (7) Música; (8) a Constituição dos EEUU, a História do Estado de Massachusetts e dos Estados Unidos; (9) Astronomia; (10) História Natural; (11) Princípios Morais; e (12) a Ciência e Arte do Ensino Aplicado a todas as Áreas de Conhecimento (DEXTER, 1906, p. 376).

³ Nos Estados Unidos existem instituições de ensino superior particulares e estatais. Uma instituição denominada "college" oferece somente cursos de graduação, enquanto que uma instituição classificada como "university" oferece cursos de graduação e de pós graduação. Todas as instituições superiores estatais do século XIX referenciadas nesse estudo são "universidades". As instituições particulares citadas nesse estudo são Harvard University, Cornell University, Dartmouth University, Drake University, Columbia University, John Hopkins University, Brown University, Antioch College, University of Chicago, Stamford University, Wellesley College.

Outras assembléias estaduais logo seguiram o exemplo de Massachusetts. Escolas normais foram fundadas em New York (1844), Connecticut (1849), Michigan (1850), Rhode Island (1852), Nova Jersey (1855), Missouri e Illinois (1857), Pennsylvania e Minnesota (1859), Califórnia (1862) e Texas (1879), entre outros Estados⁴. Por volta de 1875, haviam 70 escolas públicas, número que passou para 103, em 1885, e para 143, em 1902 (DEXTER, 1906, p. 379). A essas acrescentaram-se as escolas normais particulares, constituindo um total de 56 instituições em 1875, chegando a 118 em 1902 (DEXTER, 1906, p. 384).

Os programas das escolas públicas e particulares eram muito diversificados, variando em termos de quantidade e do tipo de instrução acadêmica e profissional. A maioria das escolas, entretanto, aceitava candidatos com ensino fundamental, ofertando, nesses casos, um curso preparatório de quatro anos, equivalente ao ensino médio. Ao concluir esse ciclo de estudos – ou um programa de estudos de uma escola de ensino médio regular – o aluno completaria um curso de ensino normal de dois anos, ou de um ano se o aluno já tivesse conferido o diploma de bacharel. Alguns estados, como Massachusetts, adotaram a política rígida de exigir que o candidato completasse o ensino médio antes de se matricular nas escolas normais.

As escolas normais públicas, em geral, não adotaram a sugestão de Stowe a respeito do ensino da História da Educação. Suas idéias relacionadas à disciplina não tiveram um impacto imediato sobre os cursos profissionalizantes que a seguir foram criados. Em Massachusetts, por exemplo, o relatório de 1868 do Diretor Nacional de Educação dos Estados Unidos (Commissioner of Education of the United States)⁵ revela que a referida disciplina não foi ofertada nas três escolas normais pioneiras do Estado: as de Lexington, Framingham e Bridgewater. Somente em 1876, no Bridgewater Normal School, foi prevista a “extensão do curso de Educação, incluindo a preparação em vários assuntos, a História da Educação e ensaios sobre tópicos de Educação” (BRICKMAN, 1979, p. 53). Não obstante a falta de reação imediata às idéias de Stowe, Travers (1969) sugere

⁴ Os Estados referenciados neste trabalho são os seguintes: Alabama, Califórnia, Colorado, Connecticut, Illinois, Indiana, Iowa, Kansas, Maine, Maryland, Massachusetts, Michigan, Minnesota, Missouri, Nebraska, New Hampshire, New Jersey, New York, Ohio, Pennsylvania, Rhode Island, Texas, Vermont, Virginia e Wisconsin.

⁵ O “Commissioner of Education” (Diretor Nacional de Educação ou Comissário de Educação) foi o título dado ao chefe do Departamento de Educação dos Estados Unidos, que foi criado em 2 de março de 1867. O Diretor era responsável pela formulação da política educacional, pela administração das várias funções do Departamento, e pela coordenação das atividades educacionais em nível nacional. Em julho de 1972, o Departamento foi suprimido e o cargo de Diretor assumido pelo “Department of Health, Education and Welfare” (Secretaria de Saúde, Educação e Bem-Estar). Em 1980, o cargo de Diretor foi eliminado e substituído pelo cargo de Secretário de Educação dos Estados Unidos.

que sua proposta, amplamente divulgada nos próximos vinte e cinco anos, tenha exercido uma influência considerável sobre importantes instituições educacionais na segunda metade do século XIX.

Conforme W. Brickman, o início da História da Educação como área de estudo nas escolas normais parece ter ocorrido em 1859, no Illinois State Normal University. A disciplina História da Ciência e Métodos de Educação figurou no programa do ano acadêmico 1859-1860, abrangendo cinco tópicos, um dos quais era “História dos Sistemas e Métodos de Educação: Biografias de Mestres Eminentíssimos” (1979, p. 58).

Mais escolas normais públicas incluíram a História da Educação em seus currículos nos anos subseqüentes. Na década de 1860, a disciplina constava nos programas de instituições nos Estados de Minnesota, Michigan, New York, Kansas e Maryland (BRICKMAN, 1979, p. 59-60) e continuou ganhando espaço nos currículos nos anos seguintes. H. Cook, após a análise de catálogos das escolas normais existentes desde 1840, concluiu que a História da Educação se estabeleceu definitivamente no currículo dessas instituições na década de 1880 (1916, p. 32).

A presença da disciplina História da Educação no ensino normal recebeu grande impulso de organizações profissionais nas décadas de 60 e 70. Já na primeira conferência da Associação Americana de Escolas Normais (American Association of Normal Schools), em 1859 na cidade de Trenton, New Jersey, especialistas da área defenderam a inclusão, nos currículos desses cursos, da História da Educação e o estudo de biografias de “educadores” eminentes. Em 1866, na reunião anual da Associação Nacional de Professores (National Teachers' Association), houve um consenso de que a disciplina deveria ser incorporada aos programas de formação de professores do ensino fundamental. Em 1884, um pequeno grupo de jovens pesquisadores, tendo voltado de seus estudos na Alemanha, organizou a Associação Americana de História (American Historical Association), com intuito de dar uma nova direção sob forma do racionalismo germânico à história da educação nos Estados Unidos (COHEN, 1976). E, finalmente, em 1889, na reunião da Associação Nacional de Educação (National Educational Association), o pedagogo e autor Samuel G. Williams (1827-1900) salientou o seu valor para os professores do ensino fundamental e médio, argumentando que o seu estudo poderia resultar num entendimento das práticas docentes de ponto de visto histórico e cultural (WILLIAMS, 1889).

Inúmeras pesquisas, realizadas nos primeiros anos do século XX, confirmaram a adoção da referida disciplina nas escolas normais em todo o país. Estes levantamentos são notáveis não só pelos dados obtidos, mas também pelo fato de

que as escolas, e a História da Educação em particular, se tornarem merecedoras de serem investigadas; as escolas normais e a disciplina ganharam credibilidade na comunidade profissional. As pesquisas oficialmente confirmaram o que muitos educadores informalmente haviam observado: que a História da Educação era um dos estudos mais valorizados nos cursos profissionalizantes do magistério. Ilustrativo das informações obtidas por essas investigações é o levantamento feito por R. H. Stoutmeyer, em 1918, que retratou um quadro do ensino da disciplina em 102 escolas normais subvencionadas pelas prefeituras e pelos estados. Stoutmeyer constatou que, em geral, as instituições ofereciam cursos de formação de professores primários com dois anos de duração nos quais vinte disciplinas eram ofertadas. A História da Educação constava nos currículos de 91% delas. Somente a Psicologia apareceu com a mesma frequência nos currículos (STOUTMEYER, 1918, p. 571). Estudos adicionais elaborados por Ruediger (1907) e Robbins (1915) confirmaram que num total de 179 escolas normais existentes entre 1895 e 1913, a História da Educação foi a mais presente no rol das disciplinas.

Em 1913, o Diretor Nacional de Educação dos EEUU afirmou que a História da Educação foi a mais requisitada num elenco de 32 disciplinas ofertadas em cursos normais de dois ou três anos de duração no país (USA, 1913, p. 512-513). Travers a respeito desse resultado oferece a seguinte observação sobre a disciplina, nas primeiras décadas do século XX: “O que pode ser inferido desses dados é que os líderes educacionais desse período acreditaram que professores necessitam demonstrar um domínio do acumulado conhecimento educacional antes de tomar uma posição inteligente a respeito dos assuntos escolares ou da prática docente”. Essa afirmação é consoante com o pensamento de Stowe expresso setenta anos antes (1969, p. 86).

A História da Educação e o Ensino Superior

Ao mesmo tempo que o número de escolas normais aumentava, começaram a surgir cursos do ensino normal, ou seja, “cursos normais”, em universidades particulares e públicas. A importância e o sucesso das escolas normais testemunharam o valor, vantagem e viabilidade quanto ao estabelecimento do ensino normal nas instituições superiores – especialmente naquelas voltadas para a preparação de professores para o ensino médio, uma categoria docente geralmente não atendida pelas escolas normais.

Justamente no período de 1890 a 1900, muitas universidades introduziram ou transformaram seus cursos normais em “Departamentos de Pedagogia” e “Departamentos de Educação”. Em algumas instâncias, o “Departamento”

figurou como um sub-departamento de Filosofia, devido à falta de professores especializados em Educação ou à crença que a Filosofia era a matéria mais importante para a formação do professor. Essas entidades administrativas emergiram como reflexo da constatação de que a Pedagogia, como disciplina do ensino superior, era um estudo demasiado restrito e que existiam outros conhecimentos e práticas relacionadas ao magistério que precisavam ser desenvolvidos nas universidades. Os Departamentos, assim, promoveriam não só o estudo da pedagogia, como também, o estudo de tópicos variados como a história do magistério, a administração da escola, a promoção da higiene escolar, o tratamento dado à crianças com necessidades especiais ou não, o desenvolvimento do currículo, a relação entre a educação e a sociedade, entre outros. Implícita na formação dos Departamentos estava a noção que existia uma “ciência da educação” que agregava, em seu corpo de conhecimentos, os conceitos de Psicologia, Filosofia, Biologia, Fisiologia, Sociologia, Economia, Ética e História.

Com o passar do tempo, os cursos normais e os Departamentos de Pedagogia assumiram um papel mais definido e pronunciado na formação de educadores, não só de professores do ensino fundamental e médio, mas também das classes especializadas, tais como professores do ensino normal, professores universitários, diretores de escolas, supervisores educacionais, professores do ensino vocacional, etc. A expansão do treinamento nos cargos educacionais diferenciados respondeu à necessidade de se preparar pessoal especializado para atender o número crescente de alunos.

No final do século XIX ocorreu um aumento no número de cursos normais e de Departamentos de Educação nas universidades norte-americanas. A trajetória do ensino profissionalizante docente nas universidades foi impressionante. Entre 1845 e 1870 a Brown University, em Rhode Island, e o Antioch College, em Ohio, emergiram como pioneiras na criação de cursos normais. Suas iniciativas foram subsequentemente replicadas por outras universidades. Em 1884, seis instituições passaram a oferecer instrução pedagógica: as universidades Estatais de Iowa, Michigan, Missouri, Nebraska e Wisconsin, e John Hopkins University (DEXTER, 1906, p. 387). Na década de 90, a Ohio State University estabeleceu um Departamento de Pedagogia em 1896, que subsequentemente foi re-nomeado Departamento de Educação, em 1898. Departamentos de Educação também foram estabelecidos em 1895 nas universidades de Colorado e de Virginia, e na University of Chicago; e, em 1899, foram criados Departamentos nas universidades do Alabama e do Maine, e na Harvard University (DRYER, 1928, p. vi). Tanto foi o sucesso desse movimento que 83 universidades ofereciam cursos pedagógicos em 1893, 220 em 1897, e 244 em 1902 (DEXTER, 1906, p. 387).

O acréscimo do número de escolas normais e cursos de educação nas universidades americanas, no final do século XIX e no início do século XX, foi acompanhado pela multiplicação correspondente do número e tipos de disciplinas ofertadas. Essas eram diferenciadas em termos do seu número e características. Referiam-se a todos aspectos do processo educativo, desde o mais teórico até o mais prático, dificultando assim a formulação de generalizações a seu respeito. Em alguns cursos, apenas uma disciplina era ofertada, normalmente sob a responsabilidade de um único professor vinculado ao outro Departamento. Em outros, vários professores se dedicaram, em tempo integral, a ministrar aulas de um elenco de disciplinas. Estas atendiam não só os candidatos ao magistério e alunos dos cursos de mestrado ou doutorado, como também de outras áreas de concentração, interessados em cursar disciplinas educacionais como parte de seu programa de estudos gerais. Segundo Dexter (1906, p. 387-88), as disciplinas que mais apareciam nos cursos podem ser agrupadas em quatro categorias: *Filosofia*, ou teorias e princípios de educação; *Organização e Administração Escolar* (no nível secundário); *Métodos e Técnicas de Ensino* (no nível secundário) e *História*, representada por matérias como a História Geral da Educação, o Estudo das Obras Clássicas de Educação, o Desenvolvimento do Sistema Educacional Americano e o Estudo Comparativo dos Sistemas Educacionais.

A expansão e a diversificação dos estudos educacionais é exemplificada pela John Hopkins University, em Baltimore, Maryland, que no ano escolar de 1885-1886⁶, oferecia um currículo educacional que incluía a História da Educação e o estudo da legislação, administração e aplicação de princípios éticos e psicológicos aos problemas educacionais; e pelo Departamento de Educação da Cornell University, em Ithaca, New York, que estabelecia, em 1886, um programa constituído de três disciplinas: 1) A Teoria da Educação, que abordava as metas do ensino, as condições psicológicas e a adaptação da instrução às idades e locais específicos; 2) a Organização da Escola e 3) a História de Educação, englobando várias épocas e países (DRYER, 1928, p. 69-71). Incluiu-se ainda o Departamento de Educação da Ohio State University que oferecia, a partir de 1896, estudos elementares e avançados de Psicologia Educacional, História de Educação, Pedagogia Herbartiana e Filosofia da Educação.

A Universidade de Michigan se apresenta como um excelente exemplo do desenvolvimento de um curso de licenciatura, da diversificação das ofertas educacionais, e da atribuição da importância da História da Educação no

⁶ O ano escolar nos Estados Unidos começa em agosto ou em setembro, e termina em maio ou em junho do ano seguinte.

currículo profissionalizante. Em 1879, a Universidade estabeleceu a primeira cadeira de “Ciência e Arte do Ensino”, nos Estados Unidos. Um certificado de licenciatura seria conferido a qualquer aluno que recebesse o título de Bacharel ou de Mestre e também tivesse cursado uma das duas matérias de Pedagogia. A primeira, predominantemente prática, tratava de assuntos diversos como a supervisão escolar, atribuições de notas, programas de estudos, exames e provas, a arte de instruir, a arquitetura, a higiene e o direito escolar. A segunda matéria, denominada “Histórica, Filosófica e Crítica”, incorporava os estudos de história da educação, dos sistemas educacionais de vários países, da ciência de ensino e da discussão crítica de teorias e métodos de ensino (DRYER, 1928, p. 67). A instituição assim se destaca por ter sido a primeira a incluir o estudo da história educacional no ensino superior. O segundo programa da University of Michigan cresceu rapidamente. No ano acadêmico de 1899-1900 o Departamento da Educação instituiu dez disciplinas e cinco metas do curso, a terceira sendo: “Ensinar a história da educação e os sistemas e doutrinas educacionais”. As dez disciplinas, com a descrição daquelas que abarcam a história educacional, são apresentadas a seguir:

Disciplina I – Pedagogia Prática

Disciplina II – História da Educação (Antiga, Medieval, Educação Greco-Romana, e o Desenvolvimento de Escolas Cristãs).

Disciplina III – Supervisão Escolar

Disciplina IV – Estudo da Criança (Incluindo a história dos fatores que influenciam as teorias do seu desenvolvimento intelectual)

Disciplina V – Fases Sociais da Educação

Disciplina VI – Pedagogia Teórica e Crítica

Disciplina VII – História da Educação Moderna

Disciplina VIII – Estudo Comparativo dos Sistemas Educacionais, Nacionais e Estrangeiros.

Disciplina IX – História da Educação nos Estados Unidos (Educação Colonial, Movimento dos “Common Schools” (escolas públicas do ensino fundamental), e Recentes Acontecimentos Relacionados às Universidades)

Disciplina X – História do Pensamento Educacional (dos Gregos, dos Romanos, da Idade Média e os grandes movimentos do pensamento pedagógico na Era Moderna) (DRYER, 1928, p. 76).

A evolução do curso pedagógico e do papel importante atribuído ao ensino da história educacional na Universidade de Michigan foi evidenciada em outras instituições, no final do século. Números levantamentos confirmaram que, com a institucionalização de cursos profissionalizantes do magistério, quer em escolas normais ou em instituições superiores, a História da Educação é apontada como a disciplina que mais figurava nos currículos. Em 1895, os resultados de uma pesquisa encomendada pelo Diretor Nacional de Educação dos EEUU, William T. Harris (1835-1909), demonstrou que vinte e cinco das mais prestigiosas universidades do país ofereciam essa disciplina nos cursos profissionalizantes (USA, 1896, p. 118-127). Arthur O. Norton (1869-1959), professor da Harvard University, ressalta que, em 1902, em torno de 200 instituições superiores nos Estados Unidos ofereciam uma ou mais disciplinas nessa área, com uma matrícula anual de 4000 alunos. Norton também comenta a respeito do crescimento do número de instituições superiores que valorizavam a disciplina ao aceitá-la como requisito parcial para o título de Bacharel ou de Mestre. Em algumas universidades, como Harvard e Columbia, estudos avançados na história da educação foram aceitos também para o grau de Doutor em Filosofia (NORTON, 1904, p. 443-444).

A proliferação de disciplinas de história educacional nos Departamentos de Educação, na virada do século, é confirmada por dados coletados em instituições particulares e públicas de ensino superior. Um dos levantamentos mais citados foi conduzido por George W. Luckey (1855-1933), professor da University of Nebraska, para sua tese de doutorado na Columbia University. Seu estudo, que foi posteriormente publicado em 1903, forneceu um perfil dos programas de formação de professores secundários em vinte universidades que se destacam por serem as primeiras a estabelecer Departamentos de Educação. Registrou as disciplinas ofertadas e o número de alunos matriculados no ano escolar de 1890-1900.

O relatório de Luckey demonstra que os alunos dedicaram mais tempo aos estudos históricos do que a qualquer outra matéria, incluindo as práticas. A História da Educação era a mais relevante no rol de disciplinas e a mais procurada pelos alunos, tanto daqueles que se especializavam em Educação quanto dos que estudavam em outras áreas. Figouro como requisito para o curso educacional profissionalizante e como disciplina eletiva para alunos de outros departamentos (LUCKEY, 1903).

Luckey também enviou um questionário a cinquenta professores universitários da área de educação indagando a respeito das disciplinas que deveriam ser exigidas nos cursos de formação de professores secundários. Em torno de 90% dos que responderam assinalou a História de Educação como

uma matéria essencial, seguido, em ordem, pela Psicologia Educacional (66%), Metodologia de Ensino (42%), Teoria de Educação (26%) e Prática de Ensino (26%) (CHAMBLISS, 1979, p. 94).

Alguns anos após a publicação do estudo de Luckey, a Sociedade de Professores Universitários de Educação (Society of College Teachers of Education [SCTE]) pesquisou trinta e uma universidades para determinar até que ponto a História da Educação era disciplina de interesse das instituições e dos alunos, durante o ano acadêmico de 1905-1906. Os dados obtidos e apresentados no Quadro 1 indicam o número de instituições que ofereciam vinte e três disciplinas educacionais e o número total de alunos, de todas as universidades, matriculados em cada disciplina.

Quadro 1: Disciplinas de Educação em Instituições Superiores e Número de Alunos Matriculados em 1905-1906

Nomes das Disciplinas Ofertadas	Número de Instituições Ofertando a Disciplina	Número Total de Alunos Matriculados
Estudo da Criança	11	480
Psicologia Genética	04	105
Desenvolvimento Mental	04	150
Psicologia Educacional	15	1049
Princípios da Educação	16	1134
Filosofia da Educação	14	525
Teoria Educacional	12	590
História da Educação	27	1996
Obras Clássicas de Educação	06	118
Método geral	12	629
Métodos Especiais	09	1007
Observação	02	25
Prática de Ensino (Estágio)	05	52
Gerência Escolar	10	588
Supervisão Escolar	08	240
Educação Primária	09	449
Educação Secundária	20	619
Sistemas Escolares	08	130
Educação Contemporânea	06	185

Direito Escolar	03	87
Administração Escolar	10	330
Higiene Escolar	04	101
Clube de Jornal	03	47

Os dados confirmam que a História da Educação era a disciplina mais presente em vinte e sete das trinta e um instituições, com 1.996 alunos matriculados. (Três das quatro instituições restantes introduziram pelo menos uma disciplina de história educacional imediatamente após esse levantamento). Se somarmos esse número de alunos aos 118 que já cursavam as disciplinas da categoria "Obras Clássicas de Educação", o total aumenta para 2.114, dando uma visão mais exata da história educacional como tópico de estudo. O quadro também revela a diferença entre o número de alunos matriculados em disciplinas de história educacional e os números cursando as outras disciplinas: Princípios de Educação, Psicologia Educacional e Métodos Especiais de Ensino. A preponderância da História da Educação em relação às outras vinte e duas disciplinas identificadas no estudo foi definitivamente constatado pela SCTE (BOLTON, 1906 -1907).

Henry Suzallo (1875-1933), Professor do Teachers College, Columbia University, analisou os dados gerados pela SCTE e publicou seus resultados em 1908. A análise traça um perfil compreensivo da natureza dos estudos históricos de educação, na primeira década de 1900, e salienta a grande variedade de opções disciplinares ofertadas nas instituições. Suzallo constatou que, embora trinta instituições superiores oferecessem pelo menos uma disciplina de história educacional, havia uma diferença marcante no número, natureza, objetivo e tempo alocado às mesmas. Dessa forma, agrupou as diferentes matérias em seis categorias.

1. Disciplinas gerais ou introdutórias de educação, normalmente relacionadas a história européia desde a Antiguidade até o mundo moderno.
2. Disciplinas que apresentavam as teorias de eminentes reformadores educacionais.
3. Disciplinas avançadas que abrangiam todos ou alguns dos tópicos da disciplina introdutória.

4. Disciplinas sobre a história da educação americana, normalmente programadas como suplementares às matérias da história européia.
5. Disciplinas mais avançadas que promoviam a consulta de fontes primárias e originais para investigar a história da educação.
6. A discussão incidental da história da educação em disciplinas primordialmente não-históricas. (SUZALLO, 1908, p. 36)

A extensa análise de Suzallo elucida o estado das diferentes disciplinas históricas de educação na virada do século. Mesmo que uma instituição oferecesse uma, cinco ou mais disciplinas na área, pelo menos uma delas versava sobre o desenvolvimento da educação nos tempos antigos, medievais e modernos. A História da Educação, como disciplina geral, foi ofertada nas instituições a todos os alunos matriculados nos programas educacionais. Tradicionalmente, a disciplina se apresentava como uma introdução ao estudo abrangente da história educacional ou à prática de educação em geral (SUZALLO, 1908, p. 38).

Das trinta disciplinas introdutórias de história educacional, vinte e uma dedicaram tempo integral ao estudo da história de educação. Nove, no entanto, combinaram a teoria educacional, ou princípios educacionais e a história, numa matéria que hoje denominamos "Fundamentos da Educação." Destas, quatro iniciavam com discussões teóricas e cinco começaram com a história, finalizando com a teoria. De um terço à metade do tempo em sala de aula dessas disciplinas era orientado ao ensino da história como uma introdução ao estudo da "Ciência da Educação".

As vinte e uma disciplinas orientadas exclusivamente à história da educação – sem referências à teoria – dedicaram-se à introdução do estudo geral da área. Mas, somente um terço das instituições pesquisadas recomendavam ou exigiam que a disciplina fosse a primeira no programa de estudos. A maioria das instituições adotava uma posição menos prescritiva nesse sentido. Assim, na Drake University, de Iowa, a História da Educação figurava como a última na seqüência de disciplinas, enquanto nas universidades de Indiana, Texas, Stamford e Wellesly College era precedida por uma disciplina introdutória e teórica. Essas disciplinas preliminares assumiram títulos como "Princípios da Educação", "Introdução à Educação" e "Pedagogia Elementar" (SUZALLO, 1908, p. 39).

A respeito das outras cinco categorias propostas por Suzallo, o segundo grupo de disciplinas que apareceram com mais freqüência se referiam às teorias

de eminentes pensadores do passado, em matérias denominadas “As Obras Clássicas de Educação”, “Os Grandes Educadores” e “Os Grandes Teóricos”. As disciplinas da Categoria III consistiam do estudo de tópicos específicos da matéria introdutória, apresentados, por exemplo, como “Teoria Educacional dos Gregos” da University of Michigan, ou “Educação da Inglaterra” na Columbia University. Com referência à Categoria IV, algumas universidades como Columbia, Harvard e Illinois ofereciam disciplinas históricas mais avançadas, como a “História da Educação nos Estados Unidos”, ofertadas somente aos alunos de pós-graduação ou aos alunos dos últimos anos dos cursos de graduação. A próxima categoria englobava um conjunto de disciplinas mais avançadas que enfocavam a consulta de fontes primárias na pesquisa histórica. As universidades da Califórnia e Stamford, por exemplo, ofertavam disciplinas como “Fontes da História da Educação”, enquanto as universidades de Columbia, Harvard e New York, programaram, em nível de pós-graduação, “Seminários” de história da educação. A última categoria incluía disciplinas não-históricas que tratavam, de forma abreviada, a história educacional, apresentada como introdução a conteúdos predominantemente teóricos ou práticos (SUZALLO, 1904, p. 37-38).

Suzallo, com sua análise, nos forneceu uma perspectiva privilegiada do ensino da história educacional no final do século XIX. Sua observação, que a quantidade e tipos de disciplinas da história da educação variavam dependendo da universidade e da época, foi confirmada vinte anos mais tarde por L. Dryer (1928). O trabalho de Dryer analisou os catálogos de vinte e cinco universidades particulares e públicas nos Estados Unidos, no período 1890-1920. O número e a variedade de disciplinas identificadas nos cursos de Pedagogia, Licenciatura e de pós-graduação confirmou a conclusão de Suzallo de que a história da educação se transformou num campo de estudo abrangente e diversificado, caracterizado por enfoques e perspectivas diferentes.

No **Quadro 2** são listadas as disciplinas que abordavam aspectos diferentes da história educacional em instituições superiores antes de 1910 e, como informação suplementar, no período 1910-1920. As disciplinas constavam de lista mais compreensiva organizada por Dryer (1928, p. 208-217).

Quadro 2: Disciplinas de História Educacional em 25 Universidades antes de 1925

Disciplinas antes de 1900 -- de um Total de 79 Disciplinas

Educação Antiga e Teorias Modernas
Desenvolvimento dos Sistemas Escolares
Obras Clássicas de Educação
Histórias e Teorias de Educação
Educação nos Estados Unidos
História da Educação
História das Teorias e Práticas Educacionais
História da Educação Moderna
História do Ensino e Teorias Educacionais
História dos Pensamentos e Práticas Educacionais
Educação Medieval e Moderna
Os Grandes Exponentes do Pensamento Educacional

Disciplinas Entre 1900-1910 – de um Total de 51 Disciplinas

Autores Clássicos
Reformadores Educacionais
Teorias Educacionais dos Gregos
História da Educação Antiga e Medieval
História das Fontes Educacionais
História da Educação Moderna
História da Educação na América
História da Educação na Europa

Disciplinas Apos 1910 - de um Total de 93 Disciplinas

História da Ensino Superior Norte-Americano
História da Educação Religiosa
História da Educação no Texas
Fundamentos da Educação Moderna
Fundamentos da Educação na Região Sul (dos EEUU)

Quando se reflete sobre os resultados dos levantamentos que investigaram a expansão das ofertas educacionais nas instituições pós-secundárias, as palavras de A. O. Norton, sobre o estado de arte da História da Educação no final do século XIX, são particularmente relevantes: “Ao completar um quarto de século de sua introdução no ensino superior, a História da Educação se encontra amplamente disseminada em nossas universidades; faz parte de vários cursos de pós-graduação respeitáveis; o número de estudantes que a cursam teve um grande crescimento; as fontes para seu estudo tornaram-se mais acessíveis; e, finalmente, as novas concepções da disciplina prometem torná-la mais útil ao futuro professor” (NORTON, 1904, p. 447)

Os conteúdos da História da Educação

Temos conhecimento dos conteúdos do estudo histórico da educação através dos programas de ensino e dos livros didáticos. Este último veículo tem provido muitas informações úteis sobre a evolução da disciplina, especialmente no século XIX. Nessa seção, enfocamos algumas das obras que têm sido identificadas como contribuições importantes para tal estudo. Em nossa análise nos centramos na *Cyclopedia of Education* (1912) de Paul Monroe, e nos artigos de Chambliss (1979, 1994) e de Brickman (1979), que fazem referência a textos de significativa influência nos séculos XIX e XX. As obras citadas por eles, e aqui apresentadas, foram adotadas em disciplinas introdutórias nos programas profissionalizantes do magistério. Todas abordam a história da educação desde a Antiguidade até o século XIX, num único volume.

A História da Educação como disciplina escolar, nos Estados Unidos, foi primeiramente promovida por Carl Ellis Stowe, em 1839. Porém, segundo a *Cyclopedia of Education*, o primeiro levantamento sistemático da história da educação foi publicado por Henry Immanuel Smith (1806-1889), em 1842. Smith era professor de línguas modernas no Pennsylvania College e de Língua e Literatura Alemã no Theological Seminary, na cidade de Gettysburg, Pennsylvania. Sua *History of Education, Ancient and Modern*, trabalho baseado na obra *Erziehungslehre* (1802) de H. Christian Schwarz, constituía a primeira de duas partes do um trabalho maior intitulado *Education*. O pequeno livro de Smith foi muito bem recebido, alcançando a décima edição em 1858 (BRICKMAN, 1979, p. 61-62). Smith, de acordo com a proposta de Stowe, descreveu os sistemas educacionais desde as sociedades antigas até as do século XIX, exaltando a moral cristã em seu tratamento.

Um fator crítico na aceitação da História da Educação no currículo profissionalizante do magistério foi a disseminação gradual de trabalhos sobre o tema nas décadas após a divulgação do relatório de Stowe. Até a década de sessenta, a história educacional recebeu pouca atenção das editoras americanas e, com exceção da obra de Smith, poucos livros compreensivos da matéria foram publicados nesse período. Em seu lugar circulavam obras a respeito da história de instituições, como a *History of Harvard College* (1833) de Benjamin Pierce, *The History of Harvard University* (1840) de Josiah Quincy, *History of Yale College to 1838* de Ebenezer Baldwin, e *An Historical Sketch of Columbia College* (1846), de Nathaniel Moore. Até mesmo uma antologia de escritos sobre o ensino normal, elaborada pelo ilustre educador Henry Barnard e publicada em 1851, apresentou

uma única contribuição a respeito da história da educação: a proposta de Calvin Stowe (BRICKMAN, 1979, p. 49).

Henry Barnard (1811-1900), mais do que qualquer pesquisador da época, contribuiu para a historiografia educacional americana. Professor da Columbia University e o primeiro Diretor Nacional de Educação dos Estados Unidos, Barnard organizou os trinta e um volumes do *American Journal of Education*. Publicado entre 1858 e 1881, cada fascículo do *Journal* continha entre 700 e 800 páginas. A coleção, como um todo, apresentou mais de 650 peças literárias que abordaram uma grande variedade de assuntos de interesse para a comunidade educacional nacional.

Quase um terço do espaço do *Journal* foi dedicado às contribuições históricas. Diversos tópicos relacionados à história de escolas americanas foram apresentados, como, por exemplo, um relatório sobre as escolas particulares de Boston, cerca 1800, e um sobre a Yale University, entre 1801-1850. Outros artigos incluíam biografias de eminentes reformadores educacionais – inclusive do Marques de Pombal – e tratados sobre práticas docentes, como o uso do castigo corporal pelos gregos, romanos, alemães e ingleses. Projetos educacionais de personagens renomados, como o novelista inglês Daniel Defoe, autor de *Robinson Crusoe*, foram explicitados, juntamente com narrativas sobre os sistemas educacionais atuais e antigos, como por exemplo, as políticas das instituições monásticas e o sistema paroquial na Escócia. Uma contribuição notável foi a publicação, em 1876, dos volumes *English Pedagogy* e *School and the Teachers in English Literature*, este último sendo considerado uma fonte exemplar para o estudo do ensino na Inglaterra (MONROE, 1912, p. 296). A coleção de fontes primárias e secundárias do *American Journal of Education* é inédita. Trata-se de um acervo extenso e original que promoveu e facilitou o estudo do ensino americano, desde os tempos coloniais até 1880, de tal modo que William T. Harris o caracterizou como uma “enciclopédia da história da educação mascarando-se como um periódico”.

O *Journal* de Barnard apresentou uma vasta literatura a respeito da história da educação nos Estados Unidos e no exterior. Foi muito consultado antes de 1881, fomentando discussões, diálogos e debates sobre tópicos de cunho histórico. Das inúmeras contribuições importantes fazem parte os trabalhos de história educacional escritos por autores alemães e traduzidos para o inglês. Na opinião de Brickman (1979, p. 66-67), Henry Barnard foi o principal divulgador da experiência educacional europeia nos Estados Unidos, especialmente das idéias alemães sobre a história educacional nas instituições pós-secundárias. Fez mais do que qualquer outra pessoa, nesse período, para efetivar a transformação do ensino no país.

Logo após a publicação dos primeiros volumes do *Journal*, foi lançado um segundo texto notável da área: a *History and Progress of Education* de Philobiblius, pseudônimo de Linus Pierpoint Brockett (1820-1893), colega de Barnard. O livro, editado em 1860, não era um trabalho original, mas, uma compilação resumida de informações extraídas do *Journal* e de outros periódicos da época. A obra, com vinte e quatro capítulos, aborda a educação física e intelectual das civilizações antigas, incluindo as dos Árabes e das civilizações pré-incas e pré-astecas de Peru e México, do Renascimento e das reformas Protestantes na Europa. Apresenta, também, as contribuições de Pestalozzi e de seus discípulos, e descreve os sistemas educacionais contemporâneos na Europa, África, Austrália e América do Sul (BRICKMAN, 1979, p. 71). Por ser um sumário compreensivo do desenvolvimento da educação no mundo, o livro serviu como uma respeitável introdução à matéria em uma época em que a História da Educação ainda não ocupava um lugar permanente nos currículos das escolas normais.

Um terceiro livro, importante, nesse período foi os *Essays on Educational Reformers* de Robert Hebert Quick (1831-1891). O autor escreveu no prefácio de sua obra: "A respeito da história da educação não somente bons livros, mas todos os livros são escritos na língua alemã ou outras línguas estrangeiras". Quick, neste trecho, não só caracterizava o estado empobrecido da literatura histórica da educação nos EEUU como também destacava o domínio dos autores alemães nesse gênero literário. Era uma declaração sucinta que retratava a realidade do país nos primeiros três quartos do século: que o interesse intelectual na história da educação nos Estados Unidos não era tão forte quanto na Alemanha.

A observação de Quick também revela sua admiração pela literatura educacional alemã e o seu papel na montagem de seu livro. Os *Essays*, originalmente publicado em 1869 e reeditado em 1890, foi em grande parte baseado na segunda edição do trabalho de três volumes intitulado *Geschichte der Pädagogik vom Wiederaufblühen klassischer Studien bis auf unsere Zeit* (1847) da autoria do alemão Karl von Raumer (1779-1842). Os primeiros dois volumes da obra de von Raumer foram traduzidos e publicados em 1863 no Volume 17 do *American Journal of Education* com o título *German Educational Reformers: Memoirs of eminent teachers and educators in Germany with contributions to the history of education from the fourteenth to the nineteenth century*. Uma versão expandida, *German Teachers and Educators*, foi publicada no *Journal* em 1878. Conforme a *Cyclopedia of Education* de Paul Monroe (1912, p. 295), o trabalho de von Raumer, mais do que qualquer outro, exerceu uma influência decisiva sobre as obras de História da Educação escritas em inglês, servindo como modelo para os autores, desde a década de 1860 até 1910.

O livro *Essays on Educational Reformers* de Quick reproduz, em inglês, a tese de Von Raumer, de que o pensamento educacional do passado poderia direcionar as práticas modernas. Assim, o trabalho apresenta detalhes sobre as várias teorias e práticas educacionais desde o Renascimento até o presente. Ao desenvolver sua tese, Quick, por exemplo, contrasta a "educação velha" do Renascimento com a "educação moderna", representada por pensadores como Locke, Rousseau, Pestalozzi, e Froebel, que deram maior atenção ao ser humano do que ao conhecimento transmitido em sala de aula (CHAMBLISS, 1979, p. 116-117). Os trabalhos de Quick e de von Raumer constituem exemplos de uma categoria de literatura educacional que exerceu uma profunda influência sobre autores e educadores americanos responsáveis pela tarefa de organizar currículos profissionalizantes do magistério.

Logo após a publicação da obra de Quick, textos originais da Antiguidade foram editados com mais frequência, chegando a constituir um importante gênero da literatura educacional. A. O. Norton (1904, p. 445) a esse respeito observou que desde 1879 "tem havido um trabalho diligente de tradução de importantes trabalhos educacionais da língua grega, latim, francês, e alemão", tornando acessível, dessa forma, as idéias de Platão, Aristóteles, Plutarco, Cícero e Quintiliano. Também foram reproduzidas, no vernáculo, obras mais contemporâneas de figuras como Comenius, Rousseau, Froebel e Herbart. Em geral esses livros eram compilações de trechos originais reunidos num único volume intitulado *History of Education*. Às vezes, focalizavam determinados tópicos e períodos, escritos de uma maneira interpretativa e erudita. Também foram elaborados trabalhos que, na opinião de Burnham (1908, p. 4-5), descreviam as idéias de educadores de pouco ou nenhum prestígio, e pouco significativas. Norton (1904, p. 444-445), ao refletir sobre a literatura histórica, considera um fator decisivo na disseminação das idéias históricas de grande porte o aumento da eficiência das bibliotecas em descobrir, coletar, organizar e disponibilizar um imenso número de livros, panfletos e outras matérias escritas.

Muitas das novas publicações eram originárias da Alemanha. Nos três primeiros quartos do século XIX, a Alemanha produziu livros extraordinários, que conceituaram a história escrita como um registro do progresso da humanidade, em que a marcha humana para um estado de maior perfeição foi guiada pela Divina Providência. A história da educação, dentro desse conceito, era entendida como uma extensão da história da raça humana. Diversas obras moldadas sob essa perspectiva filosófica constituíram a literatura básica nos Estados Unidos, algumas notáveis sendo publicadas entre 1873 e 1888. De acordo com pesquisadores como Chambliss (1979, 1994), o paradigma racionalista foi especialmente predominante

nos trabalhos populares de Hailman, Payne, Rosenkranz, Painter e, no final do século, de Davidson.

O primeiro dentre esses textos, *Twelve Lectures on the History of Pedagogy*, foi organizado por William Nicholas Hailman (1836-1920), em 1873. A obra reuniu uma dezena de palestras proferidas por Hailman no Cincinnati Teachers Institute, no Estado de Ohio. O livro, que deveria ter sido utilizado nas escolas normais do país, foi bem recebido devido a sua brevidade e tratamento sucinto de uma ampla variedade de tópicos históricos, tais como os sistemas educacionais da China, do Japão, do mundo antigo e da Era cristã, bem como dos pensamentos de estudiosos como Bacon e Froebel. Hailman se baseou em fontes primárias publicadas no *American School Journal* de Barnard, em fontes primárias e secundárias alemãs e em escritos originais dos educadores referenciados por ele. A característica mais marcante da sua obra era o entendimento, que perpassava todo o texto, de que “a história da educação seria uma história do desenvolvimento da raça humana” (BRICKMAN, 1979, p. 75-76).

Surgiu, no final da década de oitenta, um conjunto de trabalhos que também foram influenciados por obras estrangeiras. Em 1886 William Harold Payne (1836-1907) traduziu para o inglês duas obras do francês Gabriel Compayré (1843-1913) e as publicou sob os títulos *Lectures on Pedagogy, Theoretical and Practical* (1887) e *The History of Pedagogy* (1888). Na opinião de Payne, os dois textos apresentavam a melhor interpretação disponível sobre a história, teoria e prática da educação. Os três enfoques, com o histórico servindo como introdução aos outros dois, tinham por objetivo organizar todo o pensamento pedagógico numa forma racional (CHAMBLISS, 1979, p. 118). Harold Payne também publicou seu próprio trabalho, no mesmo ano, intitulado-o *Contributions to the Science of Education*.

Também, em 1886, Anna C. Bracket (1836-1911) traduziu para o inglês o *Die Pädagogik als System* de Karl Rosenkranz (1805-1879), com exceção do prefácio escrito por William T. Harris, proponente da ciência racional de educação nos EEUU. O historiador da educação, Franklin Verzelius Newton Painter (1852-1931) descreveu o trabalho alemão, agora denominado *The Philosophy of Education*, como uma obra “filosófica” que defende a tese de que a civilização Cristã era a finalidade do desenvolvimento histórico da Educação (CHAMBLISS, 1979, p. 108). Painter, publicou seu próprio trabalho de gênero racionalista em 1886. *A History of Education* é um tomo pequeno que se fundamentou no conceito germânico de “Progresso” em que “Deus está guiando o mundo, num processo gradual e sem interrupções, para um estado de maior inteligência, liberdade e

bondade [...] O progresso humano é um fato”. Painter sumariza seu ponto de vista a respeito à educação quando declara, “as leis governando o desenvolvimento humano têm sido verificadas, e agora oferecem uma direção ao nosso ensino” (CHAMBLISS, 1979, p. 113).

Outros trabalhos significativos apareceram no final do século XIX: *An Introduction to the History of Educational Theories* (1881) de Oscar Browning; *The History of Modern Education: an Account of the Course of Educational Opinion and Practice from the Revival of Learning to the Present Decade* (1892), de Samuel G. Williams; *The Educational Ideal; an Outline of its Growth in Modern Times* (1895), de James P. Munroe; e a *History of Education* (1899), de Levi Seeley. Em 1900, uma data importante no estudo da área, Thomas Davidson (1840-1900) publicou *A History of Education*. A obra popular marcou uma nova fase na historiografia educacional por ser o primeiro trabalho americano não exclusivamente biográfico. Davidson, que ganhou renome por seus estudos das idéias humanístico-clássicas, era imbuído de uma paixão por desvendar o sentido dos discursos filosóficos da Antiguidade. Escreveu ensaios interpretativos sobre a educação grega e sobre a de Rousseau, sempre empenhando-se em vincular as idéias antigas, da Grécia, por exemplo, com o ensino moderno nos Estados Unidos (CHAMBLISS, 1979, p. 98). Nesse empreendimento, acreditava que o desenvolvimento educacional de uma sociedade era uma manifestação da evolução humana.

Por último citamos o trabalho de Paul Monroe que marcou os anos 1900 – 1913 como um período importante na produção e disseminação da literatura histórica da educação nos Estados Unidos. Monroe, em seus escritos e seminários no Teachers College, Columbia University, representava uma nova geração de historiadores que criticavam a interpretação Providencial da história de educação até então em voga. Promoveu uma análise mais objetiva dos acontecimentos e pensamentos do passado, minimizando as considerações filosóficas e teológicas e acentuando a formulação indutiva de generalizações a respeito dos fatos históricos. Em 1905, publicou o livro *A Text-Book in the History of Education*, que foi classificado em 1910 pela *Encyclopaedia Britannica* como “a melhor história geral em inglês” (CHAMBLISS, 1994, p. 38). O texto, ao contrário de seus congêneres, evita discutir o desenvolvimento da educação em termos de Progresso, salientando, ao invés, o método científico na investigação dos fenômenos educacionais. Sua abordagem focalizou o método indutivo e não o dedutivo, que permeava as interpretações racionalistas da história educacional até então circulando. Monroe explicitou seu ponto de vista com a publicação de sua obra *Cyclopedia of Education* (1911-1913), de caráter objetivo, bastante consultada. A influência de Monroe

tornou-se evidente nos livros didáticos e monografias de muitos de seus discípulos e contemporâneos.

Em suma, o conceito de História da Educação que emergiu nos primeiros anos do século XX a apresentava como um ramo independente da história geral. Deveria ser ensinada de maneira objetiva, levando em conta o desenvolvimento político e econômico da sociedade e empregando os mesmos métodos e discurso que caracterizavam as outras disciplinas históricas. Esta conceituação também reverteu a percepção predominante no século XIX de que a disciplina era, no fundo, uma "Filosofia de História", por dar maior ênfase às interpretações filosóficas das ideias educacionais antigas do que aos fatos educacionais em si.

Retrospectiva

É geralmente aceito que a História da Educação, como disciplina escolar, se originou com a proposta para o Ensino Normal de Calvin Stowe em 1839. Stowe apresentou uma definição da disciplina, que seria incorporada ao pensamento de estudiosos nas décadas a seguir. Segundo ele, o estudo da história educacional compreende "um delineamento preciso dos sistemas educacionais de idades e nações diferentes; as circunstâncias que resultaram no seu estabelecimento; os princípios que os fundamentaram; as finalidades que pretendiam lograr; seus êxitos e fracassos; suas permanências e mudanças; os limites de sua influência no caráter individual e nacional; até que ponto surgiram de um plano premeditado dos seus fundadores; se asseguraram a inteligência, a virtude, e a felicidade do povo, ou suas aspirações, etc." (STOWE, 1851, p. 124).

Nos anos 50 e 60, a disciplina figurou com mais freqüência nos programas de ensino das escolas normais. Caracterizou-se como um estudo compreensivo e geral, servindo como introdução ao estudo da educação desde a Antiguidade até o século XIX. A disciplina logo se tornou o componente mais duradouro do currículo profissionalizante, no século XIX. Relatórios de levantamentos realizados ao final do século confirmaram a presença da disciplina da História da Educação nos cursos do magistério.

À medida em que as universidades se envolveram no ensino normal e estenderam seu alcance aos cursos educacionais de pós-graduação, especialmente nas décadas de 1880 e 1890, a história da educação se transformou num campo de investigação que abrangia mais e diversificados estudos. Novas disciplinas da área surgiram, como a História da Educação nos Estados Unidos; histórias educacionais de determinados Estados, e de países como a Grécia e a Alemanha; e

estudos comparativos de sistemas educacionais, vistos por muitos, como o estudo histórico contemporâneo de educação.

A grande variedade de disciplinas atendeu as necessidades dos professores-alunos identificadas pelas autoridades educacionais locais e estaduais. Sua diversidade também serviu aos interesses das classes especializadas de educadores em formação, como administradores, orientadores e supervisores educacionais. Também foi percebido como um estudo apropriado ao nível de pós-graduação, nos cursos de mestrado e doutorado. Concomitantemente, professores universitários especializados em áreas distintas da história educacional incentivaram a inclusão de novas e várias matérias históricas nos currículos de pós-graduação.

A História da Educação como um empreendimento intelectual nos Estados Unidos foi iniciada em 1842 quando H. I. Smith publicou a obra *History of Education*. Chambliss (1979), em sua revisão de livros importantes em circulação no país no século XIX, distingue duas abordagens quanto à representação dos conteúdos das obras. A primeira apresenta a história educacional por meio das ideias de eminentes pensadores do passado, citando suas próprias palavras como matéria prima do texto. A. O. Norton, em sua exegese dos conteúdos comumente expressos na história da educação, observou o mesmo em 1904, apontando as obras *German Educational Reformers* (1863), de Von Raumer, e os *Essays on Educational Reformers* (1868), de Quick, como representativas desse estilo literário. Norton também comenta que, desde 1880, havia um desenvolvimento impressionante e sem precedentes da literatura a respeito da história da educação em língua inglesa.

A expansão do acesso às fontes primárias e secundárias, facilitada pela divulgação do *American Journal of Education*, organizada por Henry Barnard entre 1858 e 1873, e às obras alemãs contribuíram não só para a continuação da abordagem biográfica como também para o aparecimento de uma conceituação alternativa da matéria na década de 1880. Chambliss (1979) explica que este novo enfoque tomou como base a proposição de que os sistemas educacionais e os pensamentos de eminentes pensadores do passado revelam o papel da Providência nas transações humanas, ou seja, uma intervenção divina na vida do Homem, garantindo progresso no caminho para um estado de maior perfeição. A história da educação, nessa perspectiva, era uma ciência interpretativa que fundamentava as explicações dos acontecimentos históricos num paradigma racionalista de Progresso. Como Norton (1904, p. 446) havia notado, esse é o motivo que leva a história da educação a ser entendida mais como um estudo filosófico do que histórico propriamente dito, explicando o porquê, no final do século XIX e no início do século XX, a matéria ter sido lecionada por professores de Filosofia e

ofertada nos Departamentos de Filosofia de instituições superiores. O livro de Hailman, a tese de von Raumer transcrita por Quick, a obra de Rosenkranz traduzida por Bracket, os textos de Comapayrée traduzidos para o inglês por Payne e os trabalhos originais de Painter, Payne e Davidson consolidaram essa visão histórica.

Uma terceira maneira de conceber a história educacional emergiu ao final do século XIX. Norton a descreve como uma "grande corrente de influências, atuando através das instituições bem como dos indivíduos, lentamente alterando sua direção pelos séculos, e raramente contribuindo, como um todo, aos esforços dos reformadores individuais" (1904, p. 447). O estudo da "história", nesse sentido, é objetivo, e inclui consideração da política, economia e realidade social de períodos diferentes. Monroe, em suas aulas, no Teachers College, Columbia University, e em suas publicações apresentou esta linha de pensamento.

Está claro que as diversas interpretações da história educacional foram evidenciadas nas disciplinas históricas oferecidas nas instituições educacionais a partir de 1890. O que também fica evidente é que a História da Educação era, e continua sendo, uma das disciplinas mais presentes e duradouras dos cursos profissionalizantes de educação. Os debates sobre a natureza e o teor da história da educação no ensino normal e no ensino universitário têm garantido a presença da disciplina nos currículos.

Bibliografia

- BOLTON, F. E. The relation of the department of education to other departments in colleges and universities. *Journal of Pedagogy*. Vol. XIX, nos. 2 and 3 (December, 1906 and March, 1907).
- BRICKMAN, W. "Early Development of Research and Writing of Educational History in the United States". *Paedagogica Historica*, XX, No. 1, 1979.
- BURNHAM, W. H. The history of education. " In: Burnham, W and Suzallo, H. *The History of Education as a Professional Subject: Proceedings of the Society of College Teachers of Education*. New York: Teachers College Press, 1908.
- CHAMBLISS, J. J. The origins of history of education in the United States: study of its nature and purpose. *Paedagogica Historica*, XIX, No.1 (1979), 94-131.
- CHAMBLISS, J. J. The study of history of education in the United States: its nature and purpose, 1900-1913. *Paedagogica Historica*, v.25, no.1, p.27-47, 1994

- COHEN, S. The history of the history of American Education, 1900-1976. *Harvard Educational Review*, XLVI, No. 3, August 1976.
- COOK, H. *History of the History of Education as a Professional Course of Study in the United States*. Unpublished Doctor of Pedagogy Dissertation, New York University, 1916.
- DEXTER, E. G. *A History of Education in the United States*. New York: MacMillan, 1906.
- DRYER, L. *The History of the Teaching of Education in Leading Universities and Colleges in the United States*. Thesis for Masters of Arts degree, Department of Education, University of Texas, Austin, Texas, 1928.
- GOVERNMENT OF THE USA. Character of Courses in Education in Certain Normal Schools. *Report of the Commissioner of Education, for the Year Ending 1913, I*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1914.
- GOVERNMENT OF THE USA. Synopsis of Courses in Departments of Pedagogy in Certain Universities and Colleges. *Report of the Commissioner of Education, for the Year Ending 1894-95, I*. Washington: U. S. Government Printing Office, 1896.
- LUCKEY, G. W. A. The professional training of secondary school teachers in the United States. *Columbia University Contributions to Philosophy, Psychology, and Education*. Vol. XII, Nos. 1-4. New York: MacMillan, 1903.
- MONROE, P. A. *Cyclopedia of Education*. Volume Three. New York: MacMillan, 1912.
- NORTON, A. O. Scope and aims of the history of education. *Educational Review*, Vol. 27, May, 1904.
- ROBBINS, C. I. History of education in state normal schools. *Pedagogical Seminary*, Sept. 1915, Vol. XXII, 377-390.
- RUEDIGER, W. C. Tendencies in normal schools of the United States. *Educational Review*, March, 1907, Vol. 33, 271-287.
- STOUTMEYER, R. H. "Teaching of the History of Education in Normal Schools". *School and Society*, VII (May 18, 1918)
- STOWE, C. E. Normal schools and teachers' seminaries. In: Barnard, H. *Normal Schools, and other Institutions, Agencies, and Means Designed for the Professional Education of Teachers, Part I: United States and British Provinces*. Hartford, CT: Case, Tiffany, 1851.
- SUZALLO, H. The Professional Use of the History of Education." In: Burnham, W and Suzallo, H. *The History of Education as a Professional Subject: Proceedings of the Society of College Teachers of Education*. New York: Teachers College Press, 1908.

TRAVERS, P. Calvin Ellis Stowe and the history of education. *Peabody Journal of education*, Vol. 47, No. 2, Sep. 1969.

WILLIAMS, S. G. Value of teachers of the history of education. *Journal of Proceedings of the National Educational Association*. Topeka, Kansas: Kansas Publishing House, 1889.